

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu

Tuuli Takala

Wiebke Lehmkuhl



23 + 24 nov 23

23 nov 23 QUINTA 20:00

24 nov 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Tuuli Takala Soprano

Wiebke Lehmkuhl Contralto

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

György Ligeti

Atmosphères

c. 9 min.

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 2, em Dó menor, "Ressurreição"

c. 84 min.

1. *Allegro maestoso*
2. *Andante moderato*
3. *In ruhig fließender Bewegung*
(Andamento tranquilo e fluido)
4. *Urlicht: Sehr feierlich, aber schlicht*
(Luz primordial: Muito solene, mas simples)
5. *Im Tempo des Scherzos*
(No tempo de um Scherzo)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min
CONCERTO SEM INTERVALO

György Ligeti

(Dicsőszentmárton, 1923 – Viena, 2006)

Atmosphères

—

COMPOSIÇÃO 1961

ESTREIA Donaueschingen, 27 de outubro de 1961

DURAÇÃO c. 9 min.

György Ligeti, compositor húngaro radicado na Europa ocidental desde 1956, foi um dos representantes da vanguarda musical de Darmstadt na década de 1960, apesar de gradualmente, e de formas inteiramente novas, ter procurado introduzir elementos que a ortodoxia serial rejeitava, a nível melódico, rítmico e harmónico. Uma das obras que se insere nesse contexto, não de rutura, mas antes de resposta a problemas que se articulam com essa tradição, é a peça orquestral *Atmosphères*, composta em 1961 e estreada nesse mesmo ano no Festival de Donaueschingen. Uma obra que posteriormente alcançaria grande divulgação graças à sua utilização por Stanley Kubrick no filme *2001: A Space Odyssey*, em 1968.

Esta é uma música que se destaca pelo facto de levar mais além elementos tradicionais básicos – melodia, ritmo e harmonia –, imobilizando-os em favor de toda uma massa sonora e textural, um exemplo perfeito da noção de Ligeti de uma música estática e autocontida,

que aliás tinha antecedentes na história da música, nomeadamente no Prelúdio do *Lohengrin*. De facto, a seguir a *Apparitions* (1958-59), esta foi a segunda obra em que Ligeti explorou aquilo a que chamou micropolifonia, uma textura polifónica que se mantém como que submersa: grande parte da obra consiste num contraponto incrivelmente denso, até 56 vozes, de tal forma que o ouvinte se dispersa numa intrincada rede textural. Este aspeto contribui inevitavelmente para as constantes amálgamas de *clusters* orquestrais, tal como por esses anos faziam também Xenakis, Penderecki e Stockhausen, o que faz com que o timbre assume enquanto um dos focos centrais da peça. Para além disto, efeitos nas cordas tais como os harmónicos, o vibrato rápido e reluzente, e os múltiplos *glissandi* nos agudos contribuem igualmente para a criação de um atmosfera única. Tudo isto resulta numa música em que grandes massas sonoras são capazes de produzir no ouvinte, simultaneamente, impressões de imobilidade e de movimento, evocando uma sensação de intemporalidade.

Gustav Mahler

(Kalischt, 1860 – Viena, 1911)

Sinfonia n.º 2, em Dó menor, “Ressurreição”

COMPOSIÇÃO 1888-1894/1903

ESTREIA Berlim, 13 de dezembro de 1895

DURAÇÃO c. 1h 24 min.

Em 1888, numa altura em que ainda trabalhava para concluir a sua Sinfonia n.º 1, Gustav Mahler compôs um poema sinfónico, *Totenfeier*, que dizia representar as cerimónias fúnebres em homenagem ao herói evocado naquela obra, cuja morte levantara todo um conjunto de questões existenciais. Indeciso sobre o rumo a dar a essa peça, decidiu finalmente incluí-la numa nova sinfonia, compondo os restantes andamentos entre 1893 e 1894. O processo de composição da obra parece ter estado em grande parte dependente de uma conceptualização narrativa da sua estrutura. Com efeito, o próprio compositor concebeu diversas versões de um programa narrativo para a sinfonia, sugerindo nomeadamente uma progressão desde um estado de ansiedade aparentemente insolúvel, até que a tensão é finalmente resolvida, numa reinterpretação da mitologia judaico-cristã, no momento do apocalipse e subsequente redenção (de onde terá derivado o título “Ressurreição”, atribuído *a posteriori*). A Sinfonia n.º 2, para soprano e contralto solistas, coro e orquestra, seria assim estreada em 1895, em Berlim, sob a direção de Mahler, mas alcançaria uma popularidade alargada apenas na versão revista de 1903, na sequência do sucesso obtido com a estreia da Sinfonia n.º 3, em 1902, que aliás fora planeada

enquanto uma sequela ambiciosa para a sua antecedente, tendo constituído o primeiro grande êxito público de Mahler enquanto compositor sinfónico.

A obra inicia-se com um *Allegro maestoso* que, de acordo com o programa delineado pelo compositor, constitui uma meditação exasperada sobre a condição mortal do ser humano. Aludindo em diversos aspetos ao andamento lento da *Eroica* de Beethoven, esta é uma forma sonata que coloca em evidência uma dialética temática e emocional, nomeadamente por meio do contraste retórico produzido pela oposição entre os materiais do primeiro tema, uma marcha fúnebre de carácter feroz, em Dó menor, e os materiais do segundo tema, em Mi maior, uma música caracterizada pelo seu lirismo delicado, bem como pela sua grande riqueza harmónica, textural e expressiva. Não obstante a complexidade do seu plano formal, a ênfase conferida a dissonâncias harmónicas e os seus níveis dinâmicos extremos, este andamento não deixa de evidenciar uma cuidada clareza textural e contrapontística.

Segue-se um *Andante moderato* – cujo material temático remontará ainda a 1888 – que intencionalmente contrasta a vários níveis com o andamento precedente. Na intenção de sugerir uma inocente

e nostálgica visão retrospectiva da bem-aventurada juventude do herói, o andamento foi composto à maneira de um suave *Ländler*, em Lá bemol maior, projetando um ambiente bucólico de um lirismo sofisticado que em dois momentos é sujeito às inquietantes intromissões da ideia de morte. Deixando de parte o ambiente campestre, o compositor apresenta, logo após, uma retrospectiva grotesca do passado do herói, com a qual terá procurado traduzir uma visão da esterilidade da vida. Trata-se agora de um *scherzo* em Dó menor (*In ruhig fließender Bewegung*) que, sendo permeado por elementos energéticos do *scherzo* beethoveniano, apresenta uma reformulação sinfónica de material usado na canção *Des Antonius von Padua Fischpredigt* (“O sermão de Santo António de Pádua aos peixes”), composta em 1893 sobre textos de *Des Knaben Wunderhorn*. Dedicada às tentativas infrutíferas de Santo António de pregar a moral cristã aos peixes indiferentes, a canção é neste andamento associada à ideia de alienação subjetiva do protagonista em relação à sociedade convencional, tomando, desta feita, a forma de uma valsa sardónica que evoca de modo brilhante o cinismo do texto.

No quarto andamento (*Urlicht: Sehr feierlich, aber schlicht*) o compositor abandona o tom humorístico para, na tonalidade distante de Ré bemol maior, evocar o desejo de libertação das aflições mundanas rumo à divindade, recorrendo para esse efeito à canção *Urlicht*, que havia composto também em 1893 sobre textos de *Des Knaben Wunderhorn*. Desta feita, cabe ao contralto solista protagonizar uma

piedosa enunciação de fé, em linhas de uma expressividade mais cromática e quase erótica. A simplicidade deste momento é, paradoxalmente, produzida através de uma acentuada complexidade métrica (derivada de uma atenção extrema à prosódia), bem como de uma orquestração bastante detalhada e inventiva, como se de música de câmara se tratasse.

Por fim, o andamento final (*Im Tempo des Scherzos*) está construído em duas grandes secções. Numa primeira parte instrumental em forma sonata, em torno de Fá menor, uma introdução expansiva recupera o ambiente fúnebre do início da sinfonia, assombrado agora pelo tema do *Dies irae*, após o que sobrevém uma grandiosa marcha orquestral, programaticamente interpretada durante a procissão para o Juízo Final, a qual culmina no momento em que à distância soa a última trombeta do apocalipse. Inicia-se então uma segunda parte, espécie de grande cantata sinfónica, em que o julgamento é revertido em redenção: em Sol bemol maior, o coro murmura, praticamente no limite da audibilidade, duas estrofes do hino *Die Auferstehung* (“A Ressurreição”), de G. F. Klopstock, emergindo dessas sonoridades corais o arrebatador dueto do soprano e do contralto, que elaboram as suas linhas solísticas sobre versos do próprio Mahler. Um grande crescendo conduz a uma peroração de júbilo, em Mi bemol maior, na qual o compositor faz uso da totalidade das forças corais e orquestrais ao seu dispor na projecção de uma esperança fervorosa numa renovação transcendente.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Hannu Lintu

O maestro finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia. Reafirmando a sua mestria nos domínios sinfónico e operático, estas responsabilidades são o corolário dos grandes sucessos obtidos em concertos com a Orquestra Gulbenkian, bem como na liderança de produções com a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo *Salome* de R. Strauss, *Turandot* de Puccini e *Billy Budd* de Britten.

Ao longo da temporada 2023-24, Lintu dirigirá, na Finlândia, a ópera *O Crepúsculo dos Deuses* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc e *Don Giovanni* de Mozart. Outros destaques incluem estreias à frente da Filarmónica de Berlim, da Sinfónica NHK e da SWR Symphonieorchester, e novas colaborações com a Sinfónica de Boston, a Sinfónica de Chicago, a Orchestre de la Suisse Romande, a Orquestra do Minnesota, a Sinfónica Nacional da RAI e o Festival Internacional George Enescu.

Hannu Lintu gravou para as editoras Ondine, BIS, Naxos, Avie e Hyperion. A sua discografia recebeu vários prémios, incluindo dois ICMA para os Concertos para Violino de Béla Bartók, com Christian Tetzlaff, e para a gravação de obras de Sibelius, com Anne Sofie von Otter. Estas duas gravações, bem como *Kaivos*, de E. Rautavaara e os Concertos para Violino de Sibelius e de T. Adès, com Augustin Hadelich e a Royal Liverpool Orchestra, foram nomeados para os prémios *Gramophone* e *Grammy*. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Tuuli Takala

Tuuli Takala nasceu em Helsínquia, cidade onde estudou canto e violino na Academia Sibelius. Estreou-se profissionalmente em 2013 na Ópera Nacional Finlandesa, no papel de Rainha da Noite, em *A flauta mágica* de Mozart. Desde 2015, é membro da Semperoper Dresden, onde interpretou Lucia (*Lucia di Lammermoor*), Gilda (*Rigoletto*), Micaëla (*Carmen*), Sophie (*Der Rosenkavalier*), Blonde (*O rapto do serralho*), Marzelline (*Fidelio*), Pamina (*A flauta mágica*), Olympia (*Les contes d'Hoffmann*), La Contessa di Folleville (*Il viaggio a Reims*), Echo (*Ariadne auf Naxos*) e Valencienne (*A viúva alegre*). Em 2021 estreou-se no Festival de Bayreuth (*Parsifal*), tendo regressado em 2022 (*Tannhäuser*). Outros convites incluíram o Festival de Ópera de Savonlinna, a Royal Opera House, a Volksoper Wien, o Aalto Theater Essen e a Ópera de Toulon, entre outros palcos. Tuuli Takala recebeu primeiros prémios nos concursos de canto Timo Mustakallio e Kangasniemi, na Finlândia (2013). Foi também premiada no Concurso Belvedere (Amesterdão, 2015) e recebeu o Prémio Arnold Schönberg do Concurso Hilde Zadek (Viena, 2013). Na temporada 2022-23, cantou, em concerto, a 9.ª Sinfonia de Beethoven, com a Filarmónica da BBC e a maestra Eva Ollikainen, e na estreia mundial do novo ciclo *Songs of Meena*, de Olli Kortekangas, com a Filarmónica de Helsínquia e Osmo Vänskä. Interpretou também *Carmina Burana* de Orff, com a Sinfónica de Lahti e Dalia Stasevska, e a 8.ª Sinfonia de Mahler, com a NDR Radiophilharmonie e Ingo Metzmacher, no Festival de Hanôver. É também uma dedicada intérprete de canção de câmara, tendo-se apresentado em recitais em muitos palcos na Finlândia, bem como em Londres, Viena e Tóquio, entre outras cidades.

Wiebke Lehmkuhl

Wiebke Lehmkuhl é natural de Oldenburg, na Alemanha. Estudou na Hochschule für Musik und Theater, em Hamburgo, e integrou a companhia da Ópera de Zurique. Em 2012 estreou-se no Festival de Salzburgo, sob a direção de Nikolaus Harnoncourt. O seu repertório wagneriano inclui *Os mestres cantores de Nuremberga*, *O Anel do Nibelungo* e *Parsifal*, tendo-se apresentado no Festival de Primavera de Tóquio, na Royal Opera House, na Ópera de Paris, no Festival de Bayreuth, na Ópera da Bastilha, na Ópera da Baviera e nos festivais de Schleswig-Holstein, Rheingau e Lucerna, entre outros palcos. A sua versatilidade permite-lhe abordar um repertório diversificado, desde Monteverdi a Mahler. Como solista de concerto, colaborou com orquestras como a Filarmónica de Berlim, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra do Tonhalle de Zurique ou a Sinfónica de Bamberg, em palcos como a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Musikverein de Viena e os festivais de Lucerna e Schleswig-Holstein. O repertório de Wiebke Lehmkuhl inclui ainda, entre outras obras, as *Paixões* e a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, o *Requiem* de Mozart, as Sinfonias n.º 2 e n.º 3 e *A Canção da Terra* de Mahler, o ciclo *Gurrelieder* de Schönberg, *Elias* de Mendelssohn e os *Wesendonck-Lieder* de Wagner. Na presente temporada, interpreta Erda (*O Ouro do Reno* de Wagner), o seu papel de assinatura, na Royal Opera House, sob a direção de Antonio Pappano, e Cornelia (*Giulio Cesare* de Händel) na Ópera Nacional de Paris. Destaque ainda para os *Rückert-Lieder* de Mahler, em Valência, a 9.ª Sinfonia e a *Missa Solemnis* de Beethoven, respetivamente no Scala de Milão, com o maestro Riccardo Chailly, e no Auditório Nacional de Música de Madrid, com David Afkham.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv/Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura
Carla Frias
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Filomena Oliveira
Isabel Cruz Fernandes
Joana Siqueira
Lucília de Jesus
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Mónica Beltrão
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Susana Duarte
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Bianca Varela
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Estrela Martinho
Helena Rodrigues
Inês Martins
Joana Esteves
Joana Nascimento
Laura Martins
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Maria Forjaz Serra
Markéta Chumová
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente
Verónica Santos

TENORES

Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Artur Afonso
Bruno Sales
Dinis Rodrigues
Diogo Pombo
Frederico Projecto
Gerson Coelho
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Almeida
João Barros
João Custódio
João Pedro Afonso
Jorge Leiria
Nuno Raimundo
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Simão Pourbaix

BAIXOS

Afonso Moreira
Alexandre Gomes
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Hugo Wever
João Costa
João Líbano Monteiro
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Luís Pereira
Mário Almeida
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Pedro Morgado
Rui Bôrras
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro
Tomé Azevedo

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall
Alessandro di Marco*
Tiago Neto*
César Nogueira*
Bernardo Barreira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte
Nelson Nogueira*
Eurico Cardoso*
Rosa de Sá*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Nuno Soares

Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi*
Margarida Abrantes*
Edgar Perestrelo*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Gonçalo Lélis
Hugo Paiva
João Valpaços
Fernando Costa*
Maria Leonor Moniz*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Vanessa Lima*
João Vargas*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Mafalda Barradas 2º SOLISTA*
Janete Silva 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Luís Alves 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Samuel Marques 2º SOLISTA*
David Dias da Silva 2º SOLISTA*
Hugo Figueiredo 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Roberto Erculiani 2º SOLISTA*
Ana Maria Castro 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Luís Vieira 1º SOLISTA*
Nuno Nogueira 1º SOLISTA*
Ricardo Silva 1º SOLISTA*
José Marques 2º SOLISTA*
Dário Ribeiro 2º SOLISTA*
Henrique Cimbron 2º SOLISTA*
Telmo Rocha 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
Pedro Freire 2º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 1º SOLISTA*
Sérgio Pacheco 1º SOLISTA*
Jorge Almeida 2º SOLISTA*
Pedro Monteiro 2º SOLISTA*
António Quitalo 2º SOLISTA*
Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*
João Moreira 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Tiago Noites 2º SOLISTA*

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA
Francisco Navarro 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
André Castro 2º SOLISTA*
Ryoco Imai 2º SOLISTA*
Miguel Herrera 2º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 2º SOLISTA
Carolina Coimbra 1º SOLISTA*

ÓRGÃO

Carole Reis 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes
Ricardo Pereira

26 nov 23

DOMINGO 18:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Jakub Józef Orliński / Il pomo d'oro Beyond

Claudio Monteverdi, Biagio Marini,
Giulio Caccini, Girolamo Frescobaldi,
Johann Caspar Kerll, Barbara Strozzi,
Francesco Cavalli, Carlo Pallavicino,
Giovanni Cesare Netti, Antonio Sartorio,
Adam Jarzebski, Sebastiano Moratelli



Jakub Józef Orliński © KAMIL SZCZEPK



Hannu Lintu © DIANA TINOCO

30 nov 23

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

01 dez 23

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

5.ª de Chostakovitch

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Antoine François Piano

Gilles Grimaître Piano

Adam Maor,

Dmitri Chostakovitch

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Novembro 2023

